

IDIOMA INDÍGENA EM DEBATE

PESQUISADORES LANÇAM NOVAS LUZES SOBRE O ENTENDIMENTO DA LÍNGUA PIRAHÃ

“*Niupai ti igato huakue kopae.*” Na língua indígena pirahã, esta frase significa “cachorro eu rabo longo preto”. Ou, na ordem mais natural para o português, “o rabo longo do meu cachorro preto”. Para o linguista estadunidense Daniel Everett, esse idioma é de especial interesse. Ele conviveu com pirahãs, na Amazônia, e propôs uma teoria segundo a qual a língua dessa etnia teria uma notável peculiaridade: ao contrário de todas as demais línguas humanas, ela não teria o que os linguistas chamam de recursividade. Breve introdução à linguística: recursividade é a ideia que preconiza a organização das línguas em, digamos, sentenças dentro de sentenças. “Ga-

lileu disse que o padre disse que a Terra não era redonda”: é um exemplo do conceito, que foi tema de evento internacional organizado em agosto último na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

“A recursividade na língua pirahã é, atualmente, uma questão de discórdia entre estudiosos do mundo inteiro”, diz a linguista Cilene Rodrigues, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). A tese de Everett tem sido debatida à exaustão. E temos novidades na área. Rodrigues, em parceria com Andrew Nevins, da Universidade College London, e David Pesetsky, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, vascu-

lhou tudo o que Everett já publicou sobre a língua pirahã – e chegou a uma inesperada conclusão: “Encontramos evidências de que essa língua é, sim, recursiva”, diz a pesquisadora da PUC-Rio.

A novidade deu o que falar. Everett e seus seguidores refutaram a interpretação – acusando os três pesquisadores de ‘cientistas de escritório’, incapazes de ir a campo coletar dados próprios. Mas a história não para por aí.

PANO PARA MANGA Para esclarecer o imbróglio, Rodrigues e sua equipe tiveram uma ideia. Em agosto passado, durante o evento dedicado ao tema, na UFRJ, eles convidaram dois membros

Segundo dados da Funasa, a etnia dos indígenas pirahãs contabiliza pouco mais de 400 indivíduos



do povo Pirahã para realizar experimentos psicolinguísticos. Em um dos testes, o pesquisador empresta várias moedas para o falante nativo da língua em questão. E dá o seguinte comando: “Coloque uma moeda dentro da caixa em cima do papel em cima da cadeira em cima da tábua”.

Resultado: o indígena não apresentou dificuldade alguma para realizar a tarefa. “Verificamos, assim, que ele processa *inputs* linguísticos de maneira recursiva”, disse a linguista da PUC-Rio. “Isso desmitifica a versão de Everett.” Segundo Rodrigues, nós, seres humanos, não somos tão diferentes uns dos outros. “Todos temos a mesma capacidade linguística.”

A discussão ainda deve dar pano para manga – pois Everett sinaliza que rebaterá os novos achados. Para ele, os pirahãs têm uma concepção de vida limitada e, em consequência, sua língua é mais simplificada.

HIAITSIIHI Augusto Diarroi, presidente da Associação do Povo Indígena Pirahã, em parceria com a linguista da PUC-Rio, pretende construir uma escola em uma das aldeias dessa etnia – a ideia é dar aos jovens a oportunidade de estudar o próprio idioma. “Criar um centro de documentação para a língua também é uma das fases do projeto”, prevê Rodrigues.

O idioma pirahã não tem vínculo algum com qualquer outro grupo linguístico conhecido, acreditam alguns pesquisadores. Os pirahãs descendem dos índios muras – arredios habitantes da floresta amazônica que, diante da chegada dos europeus, notabilizaram-se pelo espírito de resistência. Hoje, os pirahãs vivem no Amazonas – entre os rios Maici e Madeira. Segundo dados coletados em 2010 pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa), a etnia contabiliza cerca de 420 indivíduos. Autodenominam-se *hiaitsiihi*, isto é, seres que habitam uma das muitas ‘camadas’ do cosmos.

Programa que prevê comportamento de rios ganha prêmio

ENGENHARIA

Prêmio para idealizador de programa de hidrologia

Um programa de computador que prevê digitalmente o comportamento da água em bacias hidrográficas, permitindo simular os efeitos de mudanças climáticas e de uso do solo sobre o comportamento hidrológico de rios, foi uma das principais contribuições para que o 58º Prêmio Fundação Bunge fosse para o engenheiro agrícola Samuel Beskow, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) (ver ‘Simulando enchentes’ na *CH On-line*). Idealizador do programa, Beskow foi agraciado na área de Recursos Hídricos e Agricultura, categoria Juventude. Para o engenheiro, a premiação leva em conta a trajetória do pesquisador, mas destaca a qualidade e o impacto das pesquisas desenvolvidas. “Nesse ponto, nosso simulador teve um grande impacto científico e tecnológico, especialmente para gestão de recursos hídricos em bacias hidrográficas de países em desenvolvimento, como o Brasil, onde a disponibilidade de informações sobre bacias é limitada”, conta.

Beskow e sua equipe já estão desenvolvendo a segunda versão do Lash (sigla em inglês para Simulação de Hidrologia de Lavras), que em breve será patenteado. “O programa gerou bons resultados em rios aqui do Brasil e há interesse de usá-lo também nos Estados Unidos”, comenta o engenheiro. Segundo ele, a ideia é que no futuro o Lash seja usado por governos, técnicos da área de recursos hídricos e mesmo proprietários de terra, além de cientistas. A Fundação Bunge também agraciou na categoria Vida e Obra o agrônomo Klaus Reichardt, da Universidade de São Paulo, pelo seu trabalho com energia nuclear na agricultura, agrometeorologia e física da água no solo.

Selo com formigas da fauna brasileira

Formiga-tecelã, formiga-de-estalo, saúva-limão e lava-pé são as espécies de formigas que ilustram um selo lançado pelos Correios no Instituto de Biociências (IB) da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Rio Claro.

O edital dos selos – importante registro da fauna invertebrada – foi escrito por Odair Correa Bueno, do Centro de Estudos de Insetos Sociais do IB. As peças estarão disponíveis para pesquisa no acervo do Museu Nacional dos Correios, em Brasília. Os interessados em adquirir os selos podem fazê-lo na loja virtual (www.correios.com.br/correiosonline) ou nas agências dos Correios.

